



Carmen Matzenauer
Dermeval da Hora
(Organizadores)

LINGUAGEM: VARIAÇÃO E ESTRUTURA DA LÍNGUA



Todos os direitos desta edição reservados a Pontes Editores Ltda.
Proibida a reprodução total ou parcial em qualquer mídia
sem a autorização escrita da Editora.
Os infratores estão sujeitos às penas da lei.
A Editora não se responsabiliza pelas opiniões emitidas nesta publicação.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo – SP)

M446l Matzenauer, Carmen; Hora, Dermeval da (orgs.).

Linguagem: Variação e estrutura da língua / Organizadores: Carmen Matzenauer e Dermeval da Hora; Prefácio de Carmen Lúcia Barreto Matzenauer, Isabela Barbosa do Rego Barros e Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante.– 1. ed.– Campinas, SP : Pontes Editores, 2021.
264 p.; il.; gráfs.; quadros; fotografias.
E-Book: 8,30 Mb; PDF.

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-65-5637-238-9.

1. Língua Portuguesa. 2. Regionalismo. 3. Sociolinguística.
I. Título. II. Assunto. III. Organizadores.

Bibliotecário Pedro Anizio Gomes CRB-8/8846

Índices para catálogo sistemático:

1. Linguística. 410
2. Dialetoлогия. 417
3. Língua portuguesa. 469

LINGUAGEM: VARIAÇÃO E ESTRUTURA DA LÍNGUA

Carmen Matzenauer
Dermeval da Hora
(Organizadores)



Copyright © 2021 – dos organizadores representantes dos autores
Coordenação Editorial: Pontes Editores
Diagramação e capa: Vinnie Graciano
Revisão: Joana Moreira

PARECER E REVISÃO POR PARES

Os capítulos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação e revisados por pares.

CONSELHO EDITORIAL:

Angela B. Kleiman

(Unicamp – Campinas)

Clarissa Menezes Jordão

(UFPR – Curitiba)

Edleise Mendes

(UFBA – Salvador)

Eliana Merlin Deganutti de Barros

(UNEP – Universidade Estadual do Norte do Paraná)

Eni Puccinelli Orlandi

(Unicamp – Campinas)

Glaís Sales Cordeiro

(Université de Genève – Suisse)

José Carlos Paes de Almeida Filho

(UNB – Brasília)

Maria Luisa Ortiz Alvarez

(UNB – Brasília)

Rogério Tilio

(UFRJ – Rio de Janeiro)

Suzete Silva

(UEL – Londrina)

Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva

(UFMG – Belo Horizonte)

PONTES EDITORES

Rua Dr. Miguel Penteado, 1038 – Jd. Chapadão

Campinas – SP – 13070-118

Fone 19 3252.6011

ponteseditores@ponteseditores.com.br

www.ponteseditores.com.br

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	7
<i>Carmen Lúcia Barreto Matzenauer</i> <i>Isabela Barbosa do Rego Barros</i> <i>Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante</i>	
APRESENTAÇÃO: VARIAÇÃO COMO POSSIBILIDADES DE DIZER.....	9
<i>Carmen Matzenauer</i> <i>Dermeval da Hora</i>	
SOCIOLINGUÍSTICA(S)?	15
<i>Dermeval da Hora</i>	
VOGAIS POSTÔNICAS NÃO FINAIS: VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO PORTUGUÊS FRONTEIRIÇO.....	38
<i>Gabriela Tornquist Mazzaferro</i> <i>Carmen Matzenauer</i>	
PALATIZAÇÃO DO /S/ EM CODA SILÁBICA EM TEJUCUPAPO (PE): CONFRONTANDO AS ANÁLISES ESTATÍSTICAS DOS DADOS.....	71
<i>Juliane Lopes Ribeiro Pedrosa</i> <i>Rubens M. Lucena</i>	
O COMPORTAMENTO ENTONACIONAL VARIÁVEL DE INTERROGATIVAS TOTAIS NA FALA DE PORTO ALEGRE.....	94
<i>Raquel Gomes Chaves</i>	
A CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO NA FALA DE ADOLESCENTES DE PELOTAS.....	115
<i>Luís I. Centeno do Amaral</i> <i>Luciene Juliano Simões</i>	

**A VARIAÇÃO ORAL DO PRONOME ‘ME’ PROCLÍTICO NO PB:
REFLEXÕES EM TORNO DA ÁFRICA.....148**

Flávio Rômulo Alexandre do Rêgo Barros

Isabela Barbosa do Rêgo Barros

**VARIAÇÃO E MUDANÇA NO USO DO PRONOME A GENTE NA
COMUNIDADE GAÚCHA: O VALOR SOCIAL DAS VARIÁVEIS FAIXA
ETÁRIA, SEXO E CLASSE SOCIAL171**

Paulo Ricardo Silveira Borges

**PERCEPÇÃO DA VARIAÇÃO E IDENTIDADE DIALETAL: A FRICATIVA
PÓS-VOCÁLICA NÃO FINAL EM JOÃO PESSOA.....202**

Pedro Felipe de Lima Henrique

**A REDUÇÃO VARIÁVEL DE PROPAROXÍTONAS E PAROXÍTONAS
TERMINADAS EM DITONGO CRESCENTE NO PORTUGUÊS DA
REGIÃO DE MOSTARDAS-RS E TAVARES-RS.....230**

Miriam Beatriz Pedone de Souza

Carmen Matzenauer

SOBRE OS AUTORES.....261

PREFÁCIO

A publicação deste E-book integra uma série formada por quatro volumes: *Linguagem: Tecnologia e Ensino*; *Linguagem: Texto e Discurso*; *Linguagem: Aquisição da Fala e da Escrita*; *Linguagem: Variação e Estrutura da Língua*. A seleção dos temas e das áreas da Linguística para a constituição da série de e-books foi determinada pelas linhas de pesquisa do Projeto PROCAD/CAPES – Processo nº 88881.068451/2014-00. Essas publicações são, portanto, um resultado (entre tantos outros) do importante Projeto PROCAD/CAPES que reuniu universidades do Sul e do Nordeste do Brasil.

Sob o título “Diálogos em Linguística: do Formal ao Discursivo”, o Projeto PROCAD/CAPES acima identificado, com o início de suas ações em 2014, reuniu inicialmente os Programas de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas (UCPel), da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e da Universidade Federal da Paraíba (UFPB); a partir de 2018, com a migração do Programa de Pós-Graduação em Letras da UCPel para a Universidade Federal de Pelotas (UFPel), passou a integrar também esta Instituição.

Foi um Projeto que alcançou êxito, perseguindo, durante todo o seu desenvolvimento, o objetivo geral de *estimular e fortalecer ações de cooperação acadêmico-científica entre as IESs parceiras*, razão por que colocou seu foco primordial em Missões de Docência e Pesquisa. Esse objetivo geral foi secundado por objetivos específicos, especialmente visando à qualificação da formação docente e discente dos Programas de Pós-Graduação das Universidades reunidas.

A articulação dos Programas de Pós-graduação em torno da linguagem, objeto teórico e empírico abordado sob distintos ângulos,

LINGUAGEM:
VARIAÇÃO E ESTRUTURA DA LÍNGUA

favoreceu a interlocução entre as linhas de pesquisa dos PPGs, promovendo a colaboração entre membros das equipes de docentes e de discentes, em diferentes níveis de formação, desde a Iniciação Científica até o Pós-Doutoramento. Muitos foram os docentes e os discentes que se beneficiaram desse Projeto, aprofundando os conhecimentos, ampliando a formação acadêmica, estimulando e favorecendo a produção científica e oportunizando a circulação, nacional e internacional, do conhecimento produzido nas pesquisas realizadas sob o seu apoio.

A publicação desta série de e-books é a última ação do Projeto PROCAD/CAPES – Processo nº 88881.068451/2014-00. É uma ação que busca ampliar os beneficiários desse Projeto de que tanto nos orgulhamos, fazendo circular uma parcela do conhecimento produzido por docentes e pós-graduandos que dele participaram, assim como de alguns pesquisadores convidados, registrando resultados de estudos empreendidos por docentes e de investigações que deram base a dissertações e teses desenvolvidas durante o produtivo curso do Projeto. Esperamos que os estudos apresentados sejam inspiradores de novas pesquisas no amplo e multifacetado âmbito da Ciência Linguística.

Carmen Lúcia Barreto Matzenauer (UFPel/CNPq)

Isabela Barbosa do Rego Barros (UNICAP)

Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante (UFPB/CNPq)

APRESENTAÇÃO

VARIAÇÃO COMO POSSIBILIDADES DE DIZER

Os estudos linguísticos que consideram a variação como algo inerente à língua foram consagrados a partir do trabalho iniciado por William Labov nos Estados Unidos, porém perceber que a língua é variável remonta a vários séculos. Já na Gramática de Panini, a preocupação em registrar as formas corretas de as palavras serem pronunciadas é um exemplo cabal de que a diversidade linguística sempre esteve presente.

Passaram-se os anos, e a busca pelo entendimento do que acontece com as mudanças nas línguas diversas não cessaram. Depois de muitos séculos, a percepção de que línguas diferentes tinham algo em comum levaram os gramáticos comparatistas a procurar parentesco entre elas e, com isso, com a elaboração de uma árvore genealógica foi possível sistematizar famílias linguísticas, em que o proto indo-europeu seria a língua mãe de muitas irmãs. São os documentos escritos que permitem tais conclusões, pois é só no final do século XIX que se começa a pensar em trabalhar com dados de língua falada.

Mas apenas comparar as línguas não foi suficiente. Um grupo de estudiosos da Alemanha denominados de Neogramáticos, rompendo com o que os comparatistas defendiam, e apresentando uma proposta de explicar as mudanças que ocorriam nas línguas, deram origem a uma nova escola. Essa foi a primeira tentativa para explicar a mudança. Esses estudiosos levaram a regularidade da mudança ao extremo, com as leis fonéticas sendo usadas para tudo explicar, e, quando isso não era possível, as exceções existentes eram justificadas por analogia. Muitas críticas foram feitas. E é nesse contexto, já no final do século XIX e início do século XX, que Ferdinand Saussure, um dos grandes representantes do

LINGUAGEM: VARIAÇÃO E ESTRUTURA DA LÍNGUA

Estruturalismo, propõe, entre outras, a dicotomia entre língua e fala. Só que o objeto de estudo da Linguística não seria a fala, sim, a língua, o que deixa claro que a variação presente na fala não interessaria à Linguística. Com isso, as explicações para possíveis alterações na língua tinham que buscar explicações internamente.

Mesmo com as propostas de estudiosos como Schuchardt, um crítico ferrenho dos neogramáticos, e de Antoine Meillet, discípulo de Saussure, de que contextos sociais podem ter influência na fala, nada foi considerado. São necessários mais alguns anos para que se reconheça o papel de fatores sociais e estilísticos atuando nas diferentes formas de dizer. E é assim que surgem os estudos sociolinguísticos. Enfim, reconhece-se o lugar da variação nos estudos linguísticos, variação definida como a possibilidade de dizer a mesma coisa de duas ou mais formas com o mesmo valor de verdade.

É a Sociolinguística na perspectiva laboviana que vai defender a heterogeneidade ordenada, o que possibilita a sistematização do caos aparente que é a língua. E com a Sociolinguística, nessa perspectiva, é possível entender que a variação presente na fala também faz parte da língua.

Todo esse preâmbulo teve um objetivo: relacionar o conteúdo deste e-book a essa vertente teórico-metodológica, que é a Sociolinguística Variacionista, também denominada de Sociolinguística Quantitativa ou ainda Teoria da Variação. É bom deixar claro que a Sociolinguística nessa perspectiva é uma Teoria de Mudança, não uma teoria formal. Por si só, ela não dá conta de explicar os fenômenos linguísticos, para isso, sempre será necessário buscar o respaldo de uma teoria formal. Os trabalhos que compõem este e-book, em sua maioria, dão conta de analisar um fenômeno linguístico variável específico, mostrando como é possível estabelecer a correlação entre uma determinada variável e um conjunto de restrições, sejam elas de caráter estrutural sejam elas de caráter social.

No **Capítulo 1**, Hora traz algumas reflexões sobre diferentes vertentes relacionadas aos estudos de variação. Ele procura mostrar que, embora todas essas vertentes contemplem estudos que envolvem a variação linguística, nem sempre elas a concebem como William Labov: a possibilidade de dizer a mesma coisa de formas diferentes. Para ilustrar essa diversidade em relação aos objetivos das diferentes “Sociolinguísticas”, o autor apresenta resultados de estudos voltados para a palatalização

LINGUAGEM:
VARIAÇÃO E ESTRUTURA DA LÍNGUA

das oclusivas dentais na perspectiva laboviana que podem ser comparados com resultados obtidos a partir da Geolinguística ou Sociolinguística Diatópica. Diferente dessa proposta é a apresentada por Stella Maris Bortoni-Ricardo para a Sociolinguística Educacional, que, embora defende que a variação linguística esteja presente nos estudos voltados para a educação, não considera a variação nos mesmos moldes de Labov. A perspectiva da Sociolinguística Educacional, diferente das mencionadas, tem seu ponto forte na análise qualitativa. O social e o estrutural são concebidos diferentemente, é no processo interacional que se dão as possibilidades de intervenção no sistema educacional.

No **Capítulo 2**, Mazzaferro e Matzenauer trazem um estudo de variação linguística na concepção laboviana: relatam pesquisa sobre o comportamento variável das vogais postônicas não finais no português falado em cinco cidades brasileiras que fazem fronteira com o Uruguai: Aceguá, Chuí, Jaguarão, Quaraí e Santana do Livramento. Os resultados apontam que o processo de elevação das vogais postônicas não finais se mostra presente em todas as cidades de fronteira, mas com índices inferiores ao restante do Estado do Rio Grande do Sul e do País, sendo mais efetivo com a vogal média /o/ do que com a média /e/. Revela-se, portanto, como indicação de uma especificidade do português de cidades fronteiriças com país da fala espanhola. Os dados são formalizados com o suporte da Teoria da Otimidade Estocástica, evidenciando que, por meio de restrições e de sua hierarquização, é possível representar a atonicidade como motivadora do processo estudado, bem como expressar a tendência à elevação vocálica no português como resultante da neutralização variável das vogais postônicas não finais. A investigação relatada consiste em um recorte, com revisões, da Tese de Doutorado de Gabriela Tornquist Mazzaferro, desenvolvida sob a orientação de Carmen Matzenauer, no período em que estava em curso o Projeto PROCAD/CAPES – Processo nº 88881.068451/2014-00, que promove a publicação do presente e-book.

Os dados obtidos a partir da perspectiva laboviana sempre foram tratados, estatisticamente, por programas que resultavam em índices probabilísticos ligados a cada um dos grupos de fatores controlados ou restrições. Com isso, era possível avaliar qual a probabilidade de uso das variantes pelos falantes envolvidos bem como quais fatores linguísticos mais as favoreciam. Por isso mesmo que a esse tipo de Sociolinguística se atribuiu também o nome de Sociolinguística Quantitativa. Desde seu

LINGUAGEM:
VARIAÇÃO E ESTRUTURA DA LÍNGUA

início nos anos 1960 até os dias atuais, os programas foram sendo refinados para melhor tratar os dados envolvidos nas pesquisas. No **Capítulo 3**, Pedrosa e Lucena apresentam uma análise da palatalização de fricativa /s/ em coda silábica fazendo uma comparação, a partir dos resultados, entre o Programa VoldVarb X e o R, buscando identificar se há proximidade estatística entre os dois.

Os estudos voltados para a entoação, fenômeno estreitamente ligado a questões de prosódia, nos últimos anos, têm ocupado espaço nos estudos linguísticos desenvolvidos por pesquisadores brasileiros. Sabe-se que, no português, “a entoação desempenha papel ímpar, por exemplo, na distinção entre enunciados declarativos – sentenças em que os sujeitos anunciam algo (...) e enunciados interrogativos totais – perguntas que admitem como resposta apenas *sim ou não*. E nessa distinção o que é mesmo decisivo para se observar é a curva melódica. É ela que indica se a sentença é declarativa ou interrogativa”. Partindo do pressuposto de que, embora as sentenças interrogativas totais sejam objeto de análise de pesquisas referentes a distintos dialetos do Português Brasileiro (PB), “ainda há muito a ser investigado para que seja possível descrever satisfatoriamente os padrões entoacionais desses enunciados nas diferentes variedades do PB”, Chaves, no **Capítulo 4**, contribui com esse quadro maior, partindo dos resultados de trabalhos já realizados e de algumas hipóteses por ela levantadas.

O fenômeno da concordância, seja nominal seja verbal, tem sido objeto de estudo por muitos pesquisadores e em diferentes regiões do Brasil. Considerando, entretanto, que a concordância nominal ainda não está suficientemente descrita no Rio Grande do Sul, no **Capítulo 5**, Amaral e Simões dão sua contribuição, descrevendo e analisando casos de concordância nominal extraídos de entrevistas com adolescentes de Pelotas, constantes do Banco de Dados Sociolinguísticos por Classe Social (VarX), recuperando, tanto quanto possível, a abordagem e os axiomas de autores como Marta Scherre e Gregory Guy.

Os estudos sobre os clíticos no PB sempre apresentam uma oposição entre o que acontece no Brasil e o que acontece em Portugal. De um lado, no Brasil, a preferência pela próclise, de outro, Portugal dando preferência à ênclise. Interessante lembrar que tal fato já fora atestado por José de Alencar, quando mencionou a diferença entre as duas formas de

LINGUAGEM:
VARIAÇÃO E ESTRUTURA DA LÍNGUA

falar. No **Capítulo 6**, Barros e Barros apresentam o registro oral proclítico do pronome oblíquo “me” no PB e sua semelhança com o uso na língua Bantu.

Os estudos variacionistas na perspectiva laboviana sempre consideraram, de um lado restrições sociais, de outro, restrições linguísticas. Sabe-se que poucos são os estudos voltados para as restrições estilísticas, embora elas tenham sido consideradas por William Labov já em seu estudo de 1966 sobre o falar de New York. Ao lado das restrições mencionadas, fundamental nos estudos variacionistas é a definição do tipo de amostragem que será considerada, se em tempo aparente ou em tempo real. Partindo desses pressupostos, Borges, no **Capítulo 7**, apresenta uma análise do processo de variação e mudança decorrente do uso da forma pronominal *a gente* na comunidade gaúcha. Para atingir seu objetivo, ele faz uso de dois *corpora*: “o primeiro, composto por textos de onze peças de teatro de autores gaúchos, dispostos em um período histórico de cem anos: de 1896 a 1995; o segundo, com dados da fala espontânea de 36 informantes da cidade de Pelotas (RS), pertencentes ao Banco de Dados por Classe Social – VarX”. Em seu trabalho, o autor analisa o papel das variáveis sociais *faixa etária*, *sexo* e *classe social* em diferentes estágios, aqueles já mencionados: tempo real e tempo aparente.

No **Capítulo 8**, Henrique discute os resultados de um estudo de percepção realizado na comunidade de fala de João Pessoa sobre um processo fonológico amplamente descrito no Português Brasileiro: a palatalização das fricativas pós-vocálicas, como em “pa[j]ta”. Ele analisa como os ouvintes pessoenses percebem as variantes alveolar e palatal do /S/ em posição de coda medial, (i) observando se a distinção alveolar/palatal é percebida de forma diferente, numa escala numérica, em diferentes contextos fonético-fonológicos seguintes; (ii) verificando se os ouvintes têm consciência do comportamento da variante no seu próprio dialeto, ou seja, se percebem qual variante utilizam com relação aos diversos contextos seguintes; e (iii) verificando se possuem identidade dialetal com relação ao comportamento da fricativa pós-vocálica em João Pessoa.

Encerra o livro o **Capítulo 9**, em que Souza e Matzenauer desenvolvem estudo cujo tema é a redução variável de palavras proparoxítonas e paroxítonas terminadas em ditongo crescente em decorrência de síncope. O *corpus* estudado provém de uma comunidade do litoral do Rio Grande

LINGUAGEM:
VARIAÇÃO E ESTRUTURA DA LÍNGUA

do Sul, das cidades de Mostardas e Tavares, de informantes divididos em dois grupos: analfabetos e com baixa escolaridade. Os dados dos analfabetos evidenciaram como prevalentes a redução das proparoxítonas pela elisão da sílaba final (ex.: crédito → credi) e a redução das paroxítonas terminadas em ditongo crescente pela elisão da segunda vogal do ditongo (ex.: pátio → pati). A análise e a formalização dos resultados seguiram a proposta de Bisol (1992) para a atribuição do acento primário aos nomes do português, com fundamento na Teoria Métrica, e conduziram à conclusão de que as palavras proparoxítonas e as paroxítonas terminadas em ditongo crescente foram alvo, para esses falantes, de um único processo de síncope: a síncope de unidade subjacentemente extramétrica, embora o elemento elidido fosse, por vezes, uma vogal, uma consoante ou uma sílaba inteira. Esse resultado confirma o entendimento de que ambos os tipos de palavras (proparoxítonas e paroxítonas terminadas em ditongo crescente) compartilham o mesmo acento proparoxítono. Este Capítulo traz a análise revisitada de um recorte da Dissertação de Mestrado de Miriam Beatriz Pedone de Souza, elaborada sob a orientação de Carmen Matzenauer, no período de desenvolvimento do Projeto PROCAD/CAPES – Processo nº 88881.068451/2014-00, sob cuja promoção está sendo publicado o presente e-book.

A comunidade científica tem em mãos esta obra, toda voltada para estudos que envolvem variação linguística. Entre os fenômenos analisados há, em sua maioria, aqueles que envolvem aspectos fonológicos, mas há também estudos voltados para a prosódia e também para a morfossintaxe.

Como pode ser observado, os estudos resultam de trabalhos que envolveram pesquisadores que participaram de um Projeto PROCAD/CAPES, que contou com a participação de docentes e discentes de pós-graduação dos Programas da Área de Linguística e Literatura, envolvendo a Universidade Católica de Pelotas, inicialmente, depois a Universidade Federal de Pelotas, que centralizou a coordenação do Projeto, e a Universidade Federal da Paraíba e a Universidade Católica de Pernambuco como instituições parceiras. Uma iniciativa ímpar!

Carmen Matzenauer (UFPEL/CNPq)

Dermeval da Hora (UFPB/CNPq)